**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS**

**LCF 0679 – Políticas Públicas, Legislação e Educação Florestal**

Maria Eduarda B. Burgareli

Nº USP: 9851420

Elaboração de um texto que expressa minha utopia.

**Segundo Thomas More, utopia** é a ideia de**civilização ideal, fantástica, imaginária**. É um sistema ou plano que parece irrealizável, é uma fantasia, um devaneio, uma ilusão, um sonho. Do grego “ou+topos” que significa “lugar que não existe”.

Para mim, utopias não se limitam somente a ideias, ideais mas também a sentimentos. Os sentimentos nos trazem grandes ideias, motivações e muitas vezes até mesmo força. Desse modo, a minha grande utopia é o “Amor Perfeito”, aquela sentimento puro, sincero e livre como deve ser o amor ao meu modo de ver.

Muitos escritores como Carlos Drummond de Andrade, Shakespeare e Vinicius de Moraes mostram em muitas de suas obras histórias que nos permitem ter acesso às diferentes visões do que seria o “Amor Perfeito” para cada pessoa. Nos permitem visualizar diferentes realidades de diferentes emoções perante o mesmo tema.

Shakespeare em seu romance Romeu e Julieta diz: *“*Amor! Vida! Não vida, amor na morte.”, (pag.105), de acordo com Vinícius de Moraes (1962) em seu Livro “Para viver um grande amor” é preciso “Muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.” Carlos Drummond de Andrade em seu poema “As Sem- Razões do Amor” (1984, parágrafo 2) retirado do livro Corpo citava que o “amor é dado de graça, é semeado no vento, na cachoeira, no eclipse. Amor foge a dicionários e a regulamentos. Não devemos deixar o amor passar.”

Afinal, o que é o amor? O que esperamos dele? Podemos encontrar o amor verdadeiro, o amor eterno? Só existe um tipo de “Amor Perfeito” ou ele muda de acordo com cada pessoa e seus ideais?

A mudança do modelo de amor entre os diversos momentos de nossa história é apontada por Caterina Koltai. Ela evidencia, como exemplo, Os casos que aconteciam na Grécia antiga de relacionamentos homossexuais. Um agrupamento de regras, eram respeitados na Grécia antiga pelo amor entre homens, que refletia os valores característicos daquela sociedade. Um homem que fosse mais velho, culto, que possuísse maior ascendência social necessitaria relacionar-se com um parceiro que lhe fosse inferior nesses quesitos indicados anteriormente. A união entre homens de mesma idade não era visto com bons olhos.

Além de tudo, menciona o amor cortês muito exibido na idade média e no renascimento, amor o qual tinha como razão de ser que a sua amada ou seu amado fossem inacessíveis e dessa forma a distância fazia com que o poeta produzisse ótimas obras amorosas.

Andando por histórias de relacionamentos amorosos e analisando como em cada época a nossa sociedade viveu o seu ideal de amor perfeito. No mundo pós-Revolução Francesa, o casamento deixou de ser apenas um ato político ou comercial, o amor começou a fazer parte dos contratos matrimoniais. Recentemente, nos anos 60, a contracultura, com seus ideais de amor livre, negou a regular instituição familiar. E ainda a revolução sexual feminina transformou o papel de mulheres e homens. Depois de tantas mudanças, no meu ponto de vista, creio que a sociedade está cada vez mais perto de entender o que é o “Amor Perfeito”. O ato de se casar deixou de ser apenas um “negócio” entre famílias, deixou de ser tão banalizado pelos pais que não deixavam suas filhas e filhos casarem-se com quem realmente amavam.

Não me refiro somente ao amor entre um casal, mas também entre amigos, família, o amor materno, o amor próprio e a empatia com os próximos. O amor em minha concepção é capaz de mudar a vida das pessoas, mudar os caminhos a serem seguidos, é um sentimento que transforma!

Quando todos entenderem o real sentido do “Amor Perfeito”, que é o amor que Jesus Cristo nos mostrou, nossa sociedade tomará novos rumos, pois não estaremos somente preocupados com nós mesmos, mas também com o próximo e assim nossa sociedade se transformará.

O amor não pede resposta, a reciprocidade que procuramos tanto no amor é uma ilusão, uma utopia de perfeição. O amor é o que é, não é o mesmo para ninguém, cada um o sente e o expressa de uma forma diferente portanto, quando tentamos buscar essa resposta ou até mesmo a reciprocidade que tanto procuramos em nossos relacionamentos estamos procurando por algo sem resposta e assim não conseguimos as encontrar.

O amor é mais do que cobranças, ciúmes, brigas. O amor é dar sem querer receber nada em troca, é querer ver o outro feliz sem se importar com a sua felicidade, é fazer de tudo para que o outro fique bem e se colocar em segundo plano pois o que importa não somos nós nesse momento e sim quem amamos.

Podemos indicar o período atual que nossa sociedade se encontra para falar sobre um pouco das diferentes perspectivas de amor em diferentes épocas vividas.

Estamos em um período onde o amor não é valorizado, em nossas relações não existe carinho, empatia e sim o que é visto é “o que EU preciso?”, “o que EU tenho que fazer?”, “o que EU quero para a MINHA vida?”, em momento algum para-se para pensar no que o outro precisa, o que EU posso fazer para melhorar seu dia e até mesmo sua vida, o que ELE está buscando nessa caminhada. Acredito que a empatia é uma das maiores formas de demonstração de amor para com o nosso próximo, além disso as relações amorosas entre casais não são mais condicionadas pelos mesmos motivos de outras épocas, convém lembrar que, até o início do século passado, os relacionamentos afetivos eram, em geral, rigidamente controlados pelos ordenamentos coletivos. A família, a igreja, a etnia e até o Estado impunham suas normas à maneira como homens e mulheres podiam se relacionar. A liberdade para amar quem desejamos, com base apenas na atração mútua, começou a surgir há pouco mais de meio século e, em muitas partes do planeta, ainda é desconhecida. Hoje em dia atrevo-me a dizer que somos “livres” para procurar nossos relacionamentos, nos envolver e também temos a liberdade de decidirmos se queremos ou não isso para a gente, não somos obrigados a casar com alguém pois o casamento foi arranjado ou por interesses familiares.

E é assim que o amor deve ser: Livre!

Segundo Bruckner (2014), os dois grandes desafios das relações atuais são o tédio e as tentações. A sociedade contemporânea e individualista e de acordo com seus pensamentos a mesma está “dividida entre o ideal de fidelidade e o apetite de liberdade” ambos sofrendo de um problema em comum: pretensões intangíveis sobre si mesmo e sobre o outro. Ainda em sua entrevista à Revista Época (2014), Bruckner citou:

“Erigimos o amor e a felicidade como valores absolutos e nos desesperamos de não vive-los absolutamente. No fundo, há uma desmesura nas sociedades ocidentais e no desejo de ser feliz e de ser apaixonadamente amoroso. A felicidade e o amor são dois valores do cristianismo. É intrigante observar como em nossas sociedades modernas, largamente descristianizadas, sobretudo na Europa, os valores do cristianismo continuam a ser dominantes.”

**Referências Bibliográficas**

MORAES, Vinicius de. **Para Viver um Grande Amor.**São Paulo: Folha de S. Paulo, 1962.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **As Sem- Razões do Amor.**São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

SHAKESPEARE, William. Cena V. In: SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta.**Verona: 1597. p. 105.

CAFÉ Filosófico: Utopia do Amor. São Paulo: Cpflcultura, 2014. Digital, son., color.

**A UTOPIA DO AMOR CONTEMPORÂNEO.**Porto Alegre: Época, 31 mar. 2015.